



FORMAÇÃO 1
SETEMBRO DE 2020

O PAPA FRANCISCO NOS PEDE PARA VENCER A “GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA”.

“Quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; e quem possui o que comer, da mesma maneira reparta”. **(Lucas 3, 11)**

“Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram.’” **(Mateus 25, 41-43)**

“O amor ao próximo é condição essencial para ser cristão e não poderia ser de outro modo se o Deus ao qual se crê é Pai, é Amor, é um Deus ‘doente de misericórdia’ ao qual devemos nos entregar”. **(Papa Francisco)**

“Eu rezo para vocês entenderem as palavras de Jesus: “Amai-vos como Eu vos amei”. Perguntem a si mesmos: “Como foi que Ele me amou? Será que eu realmente amo os outros da mesma forma?”. Sem esse amor, nós podemos nos matar de trabalhar, mas isso vai ser só trabalho, não amor. Trabalho sem amor é escravidão.” **(Santa Teresa de Calcutá)**

“O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo”. **(Santa Dulce dos Pobres)**

Empiricamente todos nós compreendemos o conceito de Globalização. Ele parte da premissa de que desde o século XX, com o avanço tecnológico, a aceleração dos transportes e o imenso fluxo de pessoas e mercadorias (trocas comerciais), viveríamos em uma grande “aldeia global”, na qual as diferenças entre os povos e nações se diluiriam. Ora, ouvimos muito este ano (2020), durante o início da Pandemia de Covid 19, a afirmação de que estaríamos todos “no mesmo barco”.

Com o desenrolar dos acontecimentos mês a mês, a escassez de produtos médicos e hospitalares e a corrida para a produção de vacinas vimos que este “mesmo barco” tem inúmeras classes de cabines e, enquanto uns saem da tormenta resgatados de helicóptero e outros ocupam os botes salva vidas, muitos são deixados à própria sorte para naufragar. Aparentemente o fato de estarmos conectados de diversas formas não nos fez capaz

de compreender o outro como um irmão, pelo contrário, o desfacelamento dos laços comunitários nos fez indiferentes até daqueles de quem estamos mais próximos fisicamente. O mais importante estudioso da Globalização do nosso país, Milton Santos, já afirmava: “a Globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem a condição primitiva do cada um por si, reduz as noções de moralidade pública e particular a uma quase nada.”

“Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2, 18). Esta premissa religiosa é amplamente aceita em todos os meios: o ser humano necessita viver em sociedade, não fomos talhados, como outros animais, para viver sozinhos. Assim, no decorrer da história o apoio mútuo em pequenas comunidades foi (e é) essencial para permanecermos vivos. Tais laços comunitários vão sendo paulatinamente desfeitos com o processo de globalização. O meu próximo não é mais próximo. Quantos de nós sequer conhecemos nossos vizinhos nas grandes cidades? E se o meu próximo não é mais próximo, tampouco o é àquele que de mim está distante, por vezes em outro continente. Posso estar a ele conectada pela rede de informações globais, posso saber de suas mazelas, mas nem por isso o sinto, de fato, como meu próximo, meu irmão, a quem eu devo socorrer em caso de necessidade. A globalização gerou uma crise

de empatia global ao desfazer os laços de compaixão e caridade que são a base da vida comunitária. O sumo pontífice percebeu tal movimento e o denominou a alguns anos, em uma visita a países muito pobres da América do Sul, de GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA.

Santa Teresa de Calcutá não combateu nas ruas essa Pandemia, mas já afirmava antes dela “A maior doença do Ocidente hoje não é a lepra nem a tuberculose (e nem a COVID); é ser indesejado, não ser amado e ser abandonado.” A Globalização da indiferença nos paralisa e que nos molda a agir como os três famosos macaquinhos: Virar o rosto para NÃO VER a dor do outro, tapar os ouvidos para NÃO OUVIR o clamor dos pobres, migrantes, marginalizados, (...); e tapar a boca para NÃO FALAR sobre as mazelas do “mundo globalizado”, dando a entender que, ao não darmos voz e discutirmos sobre o que está errado, viveríamos mais “felizes”... mais hipnotizados, talvez, enebriados pelo ópio do consumo, mas felizes? Felizes não. Os índices de suicídio e depressão nos países ricos nos mostram que não, a felicidade anda longe da Globalização da Indiferença. O que fazer então para vencê-la?

Milton Santos escreveu sobre uma “Outra Globalização” que usasse os meios tecnológicos da modernidade, mas para aproximar, para possibilitar conexão e crescimento entre os expurgados do “mundo moderno”. O papa Francisco nos fala da GLOBALIZAÇÃO DA ESPERANÇA, que, assim como na premissa do cientista, usa das ferramentas do “mundo globalizado”, mas para trazer de volta a empatia, para que voltemos a enxergar nosso próximo, visando derrubar os muros que nos impedem (racismo, xenofobia, consumismo) de enxergar o outro como nosso irmão. E os protagonistas e semeadores destes novos tempos, nos alerta o papa, são os excluídos, os pobres, que já compreenderam a importância de unir-se e buscar visibilidade para as mazelas locais, que são, quase sempre, mazelas também globais. A comoção mundial com as queimadas na Amazônia em 2019 e a morte de George Floyd nos EUA em 2020 são exemplos claros disto. O Papa Francisco (...) indicou o caminho a ser seguido na pós-pandemia: o da solidariedade. A exortação, foi direcionada à fase de retomada depois da crise da Covid-19 que deve ser pelo bem comum: evitar o individualismo e as “mudanças superficiais”, mas construir comunidades através de “processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos”.

Santa Teresa de Calcutá já nos alertava “Quando um pobre morre de fome, não é porque Deus não cuidou dele. É porque nem você nem eu quisemos dar a ele o que ele precisava.” Os primeiros passos pra vencer a Globalização da Indiferença e abraçar a Globalização da Esperança são bem simples: enxergar o outro, mas enxergar de verdade, abrir nossos olhos aos sofrimentos do mundo; ouvir o outro, estar atento ao clamor dos pobres, excluídos, marginalizados e injustiçados; e por fim falar com o outro e pelo outro, ser próximo para o nosso próximo (onde quer que ele esteja), usar nossa posição (muitas vezes de privilégio, se comparado aos mais pobres) para reverberar suas dores, suas lutas, denunciando as injustiças, nos recusando a nos calar ao ver o outro sendo injustiçado e oprimido. A sábia mãe de Calcutá já dizia “Nós temos que transformar o nosso amor a Deus em ação viva.”

“A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.” (PAPA FRANCISCO)

“Uma solidariedade guiada pela fé nos permite traduzir o amor de Deus em nossa cultura globalizada, não construindo torres ou muros que dividem e depois desabam, mas tecendo comunidades e apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos.” (PAPA FRANCISCO)

DAS PALAVRAS À AÇÃO

“O futuro da humanidade, não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites.” “Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança.” (Papa Francisco)

O que você pode fazer hoje (na sua Igreja, comunidade ou grupo) pra voltar a enxergar o próximo como seu irmão?

Milhões clamam nessa pandemia... que tal VER, OUVIR e REVERBERAR seus clamores?

